

Agro foco

Revista de Agropecuária da Embrapa Amazônia Oriental - Ano II - nº 4 - maio 2016

Entrevista

Helena Nader, presidente da Sociedade Brasileira
para o Progresso da Ciência

Temas desta edição

Coleópteros em agroecossistemas com mogno-brasileiro

Fermentação e secagem de cacau

Herbicidas

Produção de biocombustível

Lei de acesso ao patrimônio genético

Nova cultivar de café

Milton de Albuquerque: uma vida dedicada ao cultivo da mandioca

Paraense, nasceu em Belém, em 18 de maio de 1914 e faleceu em 27 de abril de 1983, aos 69 anos de idade. Formou-se na antiga Escola de Agronomia e Veterinária do Pará e foi admitido no Instituto Agrônomo do Norte (IAN) em 1941, sendo incorporado à Embrapa em 1975. A convalidação do seu diploma de agrônomo somente foi possível cursando dois anos na segunda turma da Escola de Agronomia da Amazônia (EAA), na qual se formou em 1957 (foi colega de Fernando Carneiro Albuquerque, Waldemar Bennisuly Maués, Rosa Maria Hage). Esse curso era ministrado nas dependências da atual Embrapa Amazônia Oriental e depois no prédio novo da atual Universidade Federal Rural da Amazônia (Ufra). Foi contemporâneo da terceira turma que formou Laudelino Pinto Soares e Miracy Garcia Rodrigues.

A mãe adotiva de Milton de Albuquerque era irmã da mãe de Dagmar (sua futura esposa), Lídia Baker de Abreu, casada com Plínio de Albuquerque. A informação é que sua mãe biológica tenha sido uma moça de família muito importante de Belém, que foi engravidada por algum empregado do pai e cuja gravidez foi escondida no porão. Logo ao nascer, foi entregue ao casal Lídia e Plínio. Mais tarde, teve conhecimento da mãe, mas já era família formada, e o pai biológico nunca foi revelado. Serviu o Exército e, quando a sua mãe adotiva faleceu, somente o liberaram para o enterro depois de concluir o expediente. Seu pai adotivo faleceu de ataque cardíaco durante uma viagem de barco de Soure para Belém. A razão do manquejamento da perna supõe-se que seja decorrente da prática de saltar do mastro do barco, em Santarém, quando jovem. Aos 41 anos, ficou com paralisia em uma das pernas, que os médicos supõem que tenha sido causada pelo choque da cabeça na água. Chegou a atravessar o Rio Tapajós a nado e foi convidado pelo Fluminense para ser um aqualouco. Quando novo, guiava carro.

Casou-se com Dagmar Baker de Abreu de Albuquerque (1919), que tinha o apelido de Bixita, irmã do famoso poeta Paulo Plínio de Baker Abreu (1921–1959), que foi o primeiro bibliotecário do IAN. O pai de Dagmar, Dilermando Cals de Abreu, era cearense com parentesco com o ex-Ministro de Minas e Energia Cesar Cals de Oliveira Filho (1926–1991), tio de segundo grau. Ela trabalhou como laboratorista do IAN, ajudando João Murça Pires (1917–1994), e tiveram 3 filhos (Carlos Roberto formou-se em agronomia, Renato em topografia e Rui, técnico em contabilidade, trabalhou na Ceasa). Adotou dois filhos, Manoel Carvalho, quando tinha entre 2 e 3 anos, e seu irmão Wilson Carvalho Barbosa, que foi o procurador da mãe, era formado em Química e trabalhou na Embrapa Amazônia Oriental. Dagmar faleceu em 2007, com 88 anos de idade.

Uma característica marcante do Milton de Albuquerque era estar sempre disponível para receber colegas pesquisadores que procuravam conselhos, sugestões ou orientações sobre projetos ou trabalhos. Pessoa discreta e com sua experiência e paciência, sempre procurava ajudá-los.

Pertencia a uma geração de agrônomos bastante difícil de ser encontrada nos dias atuais, com dedicação integral à cultura da mandioca. Implantou o primeiro banco de germoplasma de mandioca, iniciado com uma pequena coleção de variedades coletadas na Amazônia, ampliado ao



longo dos anos com materiais da região e extra-amazônicos, chegando aproximadamente a 400 variedades, avaliadas quanto ao seu potencial genético para atender diferentes formas de uso da mandioca. Esse conhecimento sobre a cultura da mandioca levou à publicação pela Sudam, em 1969, do clássico livro *A mandioca na Amazônia* e, em 1980, pela Editerra, do livro *A mandioca no Trópico Úmido*, em colaboração com a pesquisadora Eloisa Maria Ramos Cardoso (30 de julho de 1948), que passou a auxiliar desde quando foi admitida, em 1973.

Seu conhecimento sobre a cultura da mandioca e outras tuberosas da Amazônia tornou-se fonte de referência mundial, servindo como consultor para a National Academy of Sciences. Em 1980, recebeu o Prêmio Frederico de Menezes Veiga, por suas pesquisas com a cultura da mandioca.

Texto preparado por Alfredo Kingo Oyama Homma e Eloisa Maria Ramos Cardoso, com informações de Rui Abreu de Albuquerque